



MENINAS EM ESPAÇOS DE PODER

A importância da representatividade

MENINAS EM ESPAÇOS DE PODER

A importância da representatividade

Sumário

Sumário	2
Como ler e usar as informações da ficha técnica	3
Visão geral das participantes da pesquisa	4
Prioridades para ação política	5
Liderança e representação política	7
Participação política	10
Influências na participação política	15
Aspirações para participação futura	23

Como ler e usar as informações da ficha técnica

Estrutura e conteúdo

Esta ficha informativa segue a mesma estrutura da pesquisa global Situação das Meninas no Mundo, de 2022. Ela inclui estatísticas resumidas aplicáveis ao Brasil. Para ajudar a contextualizar essas informações, há uma comparação com os resultados do relatório técnico global.

Entendendo as limitações e como interpretar os dados

É importante observar que as limitações se aplicam tanto aos dados contidos no relatório global quanto às conclusões que podem ser tiradas dele, assim como aos dados de cada país. Abaixo, você pode ver as notas mais importantes a serem consideradas:

1. Considere com cuidado as opções de resposta da pergunta que você deseja interpretar

Limitação 1: Algumas das perguntas da pesquisa traziam opções de resposta mutuamente exclusivas: por exemplo, permitindo que as entrevistadas digam "nenhuma das opções acima se aplica". Para estas questões, é apresentada a % correspondente ao número de pessoas que escolhem a opção 'nenhuma' ou outra opção relevante e a % restante é calculada com base no número de pessoas que expressam uma opinião. Isso pode significar que a amostra de respondentes a partir da qual são calculadas as % relevantes correspondentes a outros tipos de opções de resposta é, às vezes, inferior a 1.000.

É importante observar que as respondentes que escolhem as opções "nenhuma" ou similares não são comparáveis ao restante das respondentes. Por exemplo, respondentes que escolhem "nenhuma" podem ter pressa ou simplesmente desejam pular a pergunta, ou podem se sentir desconfortáveis com as outras opções de resposta, mas não têm uma opção melhor de resposta alternativa. Como tal, não há inferências sobre as respondentes escolhendo essas opções de resposta "nenhuma".

Limitação 2: Algumas das perguntas não permitiram respostas do tipo "outra" ou "nenhuma": por exemplo, em uma pergunta, as respondentes foram convidadas a avaliar como se sentem sobre declarações específicas sobre seus líderes políticos, em uma escala de 1 a 5. É importante observar que as respondentes podem se sentir desconfortáveis por ter que escolher uma opção de resposta e, por isso, escolhem a opção de resposta média.

2. Não faça generalizações

Limitação: Os dados da pesquisa não representam o país inteiro. Embora a amostra para a pesquisa tenha tentado representar as populações subjacentes ao máximo, dado que as empresas são mais propensas a ter amostras dos segmentos mais ricos da sociedade e mais escolarizados (que têm acesso à internet e telefone), os resultados não podem ser generalizados.

3. O viés de desejabilidade social pode ter impactado as descobertas da pesquisa. por exemplo. É provável que meninas e jovens mulheres sintam que devem relatar visões positivas de líderes, principalmente em regiões onde visões negativas podem ser desencorajadas.

Visão geral das participantes da pesquisa

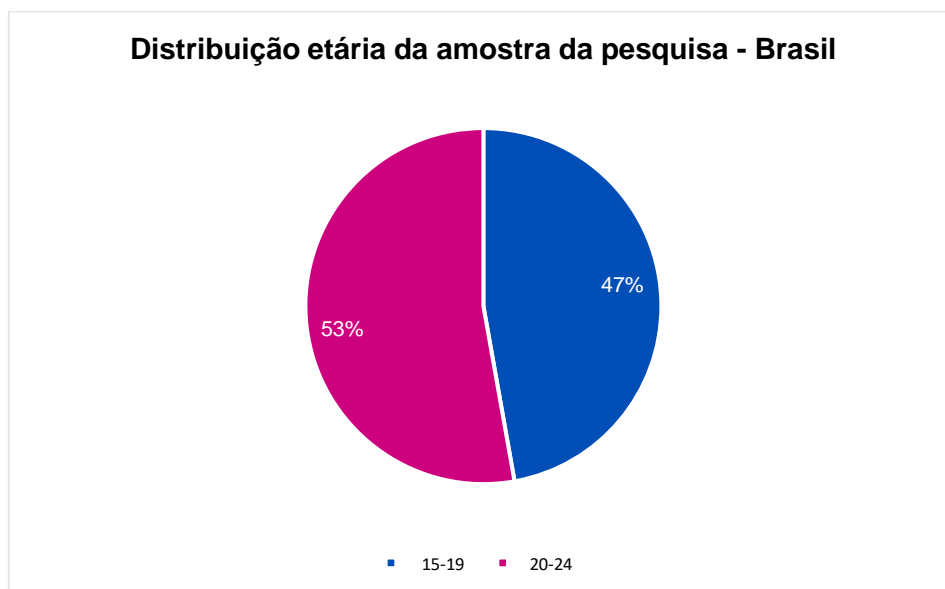
Regiões: No Brasil, 1.000 meninas e jovens participaram da pesquisa.

Tabela 1: Distribuição regional da amostra

Região	Total de respondentes	%
Norte	86	9%
Nordeste	273	27%
Sudeste	396	40%
Sul	138	14%
Centro-Oeste	107	11%
Total	1,000	100%

Idade: As meninas e jovens entrevistadas têm entre 15 e 24 anos. A maioria (53%) tem entre 20 e 24 anos.

Imagem 1: Distribuição etária da amostra



Com base no total de 1.000 respostas.

Residência: A maioria (581) das participantes da pesquisa é de áreas urbanas (58%), 66 (7%) são de áreas rurais e 32 (3%) se identificam como vivendo em um assentamento informal ou em uma favela.

Características interseccionais:

- 17% se identificam como LGBTQIA+
- 9% se identificam como pertencentes a uma minoria racial ou étnica
- 10% se identificam como pertencentes a uma minoria religiosa
- 2% se identificam como tendo uma deficiência
- 6% se identificam como uma pessoa deslocada
- 0% se identificam como uma refugiada
- 16% se identificam como nenhuma dos itens acima
- 4% preferiram não responder

Entrevistas Qualitativas “Real Choices Real Lives”

O estudo: O estudo longitudinal e qualitativo Real Choices Real Lives (RCRL) vem acompanhando a vida de meninas e suas famílias em nove países (Camboja, Filipinas, Vietnã, Benin, Togo, Uganda, Brasil, República Dominicana e El Salvador). O estudo monitora as meninas desde seu nascimento, em 2006, e continuará coletando dados até dezembro de 2024, quando as meninas completarem 18 anos. A coleta de dados para o estudo ocorre anualmente e é realizada pelas equipes da Plan nos próprios países durante os trabalhos com as comunidades onde as meninas vivem ou em viagens a essas áreas.

Coleta de dados: Em 2022, sete dos nove países da pesquisa optaram por participar da coleta de dados adicionais para a pesquisa global Meninas em Espaços de Poder – A importância da representatividade. No Brasil, oito meninas de 15-16 anos participaram da coleta de dados que ocorreu presencialmente entre 8 de março e 1º de abril de 2022. Os pontos focais do país gerenciaram a transcrição e tradução das entrevistas para o inglês. A equipe de pesquisa da Plan Global codificou os dados usando o software *Nvivo* e realizou análises qualitativas comparativas dentro e entre países.

Perguntas da entrevista: As perguntas da entrevista foram estruturadas em quatro seções que perguntavam sobre: 1) Questões políticas que afetam sua comunidade; 2) Representantes políticos e tomadas de decisão; 3) Liderança política de meninas e mulheres; e 4) Participação política das meninas. As perguntas da entrevista foram feitas em um formato semiestruturado, o que significa que nem todas as perguntas foram feitas a todas as meninas para permitir espaço para uma discussão aberta com as participantes e a capacidade de explorar a troca de ideias.

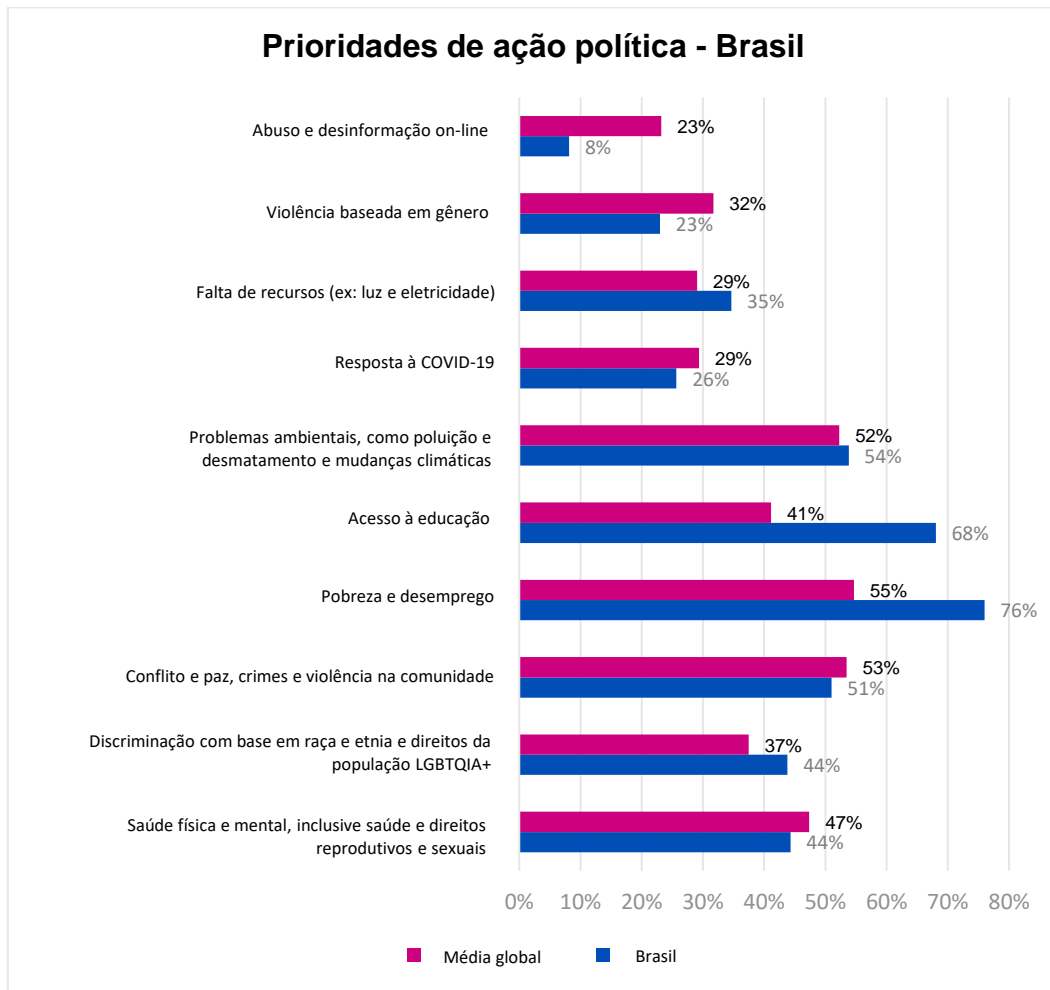
Prioridades para ação política

Pedimos que as respondentes identificassem 5 prioridades de ação política entre 15 opções.¹ Na pesquisa global, apenas 3% das meninas não identificaram nenhuma das questões listadas como prioritárias para ação política; no Brasil esse número também foi de 3%.

Das que selecionaram questões da lista, as principais prioridades para ação política entre meninas e jovens mulheres em todo o mundo foram: pobreza e desemprego (55%); conflito e paz, violência comunitária e crime (53%); questões ambientais, incluindo poluição e mudanças climáticas (52%) saúde mental e física, incluindo saúde e direitos sexuais e reprodutivos (47%); e acesso à educação 41%). As prioridades de ação política entre as meninas no Brasil foram semelhantes à média global. As principais questões entre meninas e jovens mulheres no Brasil foram: pobreza e desemprego (76%), acesso à educação (68%), questões ambientais, incluindo poluição e desmatamento, e mudanças climáticas (54%), conflito e paz, violência comunitária e crime (51%), discriminação com base em raça e etnia e direitos LGBTQIA+ (44%) e saúde mental e física, incluindo saúde e direitos sexuais e reprodutivos (44%). As questões que receberam menos votos foram abuso on-line e desinformação (8%), violência baseada em gênero (23%) e a resposta à COVID-19 (26%).

¹ As 15 opções foram agrupadas para fins de análise.

Imagem 2: O que meninas e jovens mulheres identificam como prioridades de ação política?



Com base no total de 970 respostas.

Real Choices Real Lives

As prioridades para as meninas da pesquisa no Brasil incluíram questões ambientais e econômicas, assim como as principais preocupações sobre violência baseada em gênero (VBG) em suas comunidades. A poluição e o gerenciamento de resíduos foram uma questão importante levantada pelas meninas devido, em particular, às suas possíveis consequências à saúde. Algumas meninas explicaram que as dificuldades financeiras ligadas a aumentos nos custos de vida têm impactos negativos na educação das meninas e na saúde mental das pessoas em suas comunidades.

“Parece que todos os anos os preços aumentam mais e as pessoas ficam mais estressadas, com contas e dívidas...” (Juliana, 16 anos, Brasil)

As meninas da pesquisa no Brasil discutiram a prevalência da violência baseada em gênero e a falta de segurança em suas comunidades como questões prioritárias, explicando como isso afeta seu bem-estar e sua liberdade:

“Meninas e mulheres precisam enfrentar a falta de segurança. Temos medo quando saímos na rua à noite, porque não temos certeza de nada. Há muitas pessoas más por aí

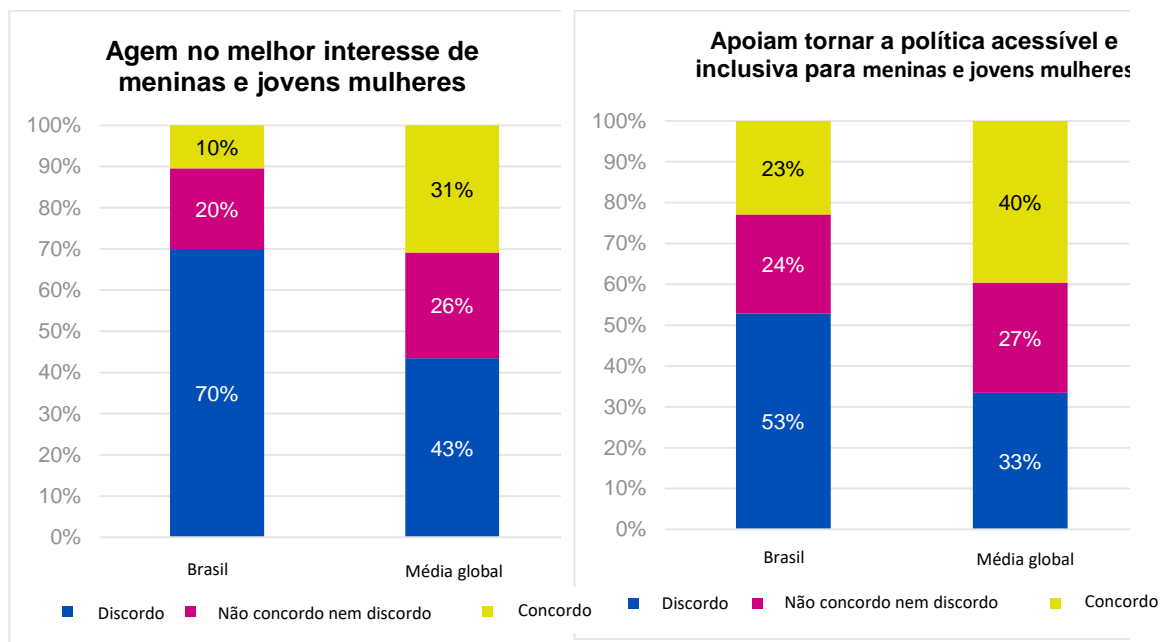
e nos sentimos ameaçadas... com medo de algo acontecer... de um possível estupro acontecer” (Bianca, 16 anos, Brasil)

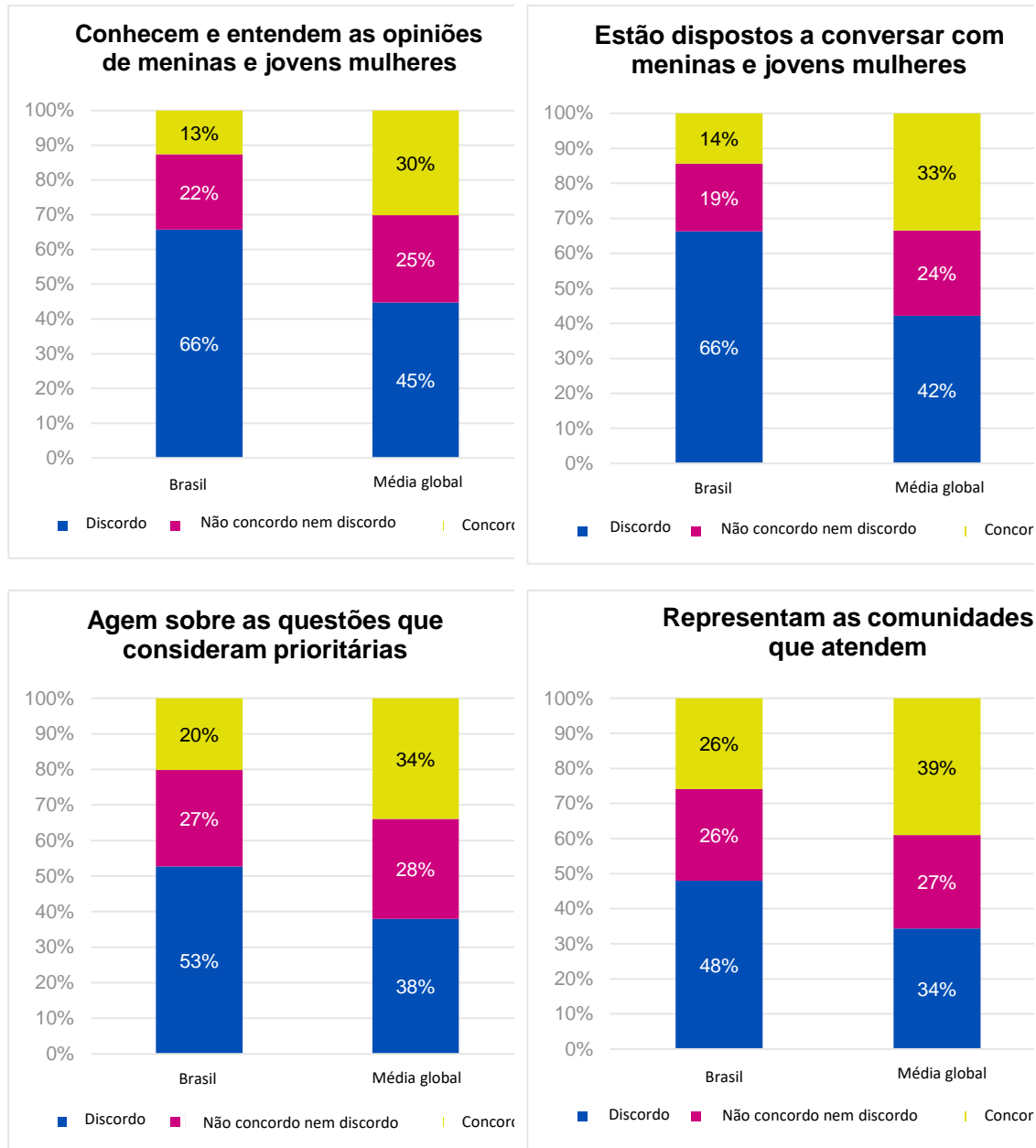
Liderança e representação política

Percepções de líderes políticos

Na amostra global, um quadro misto emergiu da pesquisa em relação às percepções de meninas e jovens mulheres sobre líderes políticos. No Brasil, as percepções sobre líderes políticos foram, em geral, mais negativas do que a média global. Uma proporção maior de meninas e jovens mulheres discordou das declarações positivas sobre os líderes políticos. Por exemplo, 70% das entrevistadas no Brasil discordam que os líderes políticos agem no melhor interesse de meninas e jovens (em comparação com 43%, globalmente), e 66% discordam que os líderes políticos conhecem e compreendem os pontos de vista de meninas e jovens mulheres (em comparação com 45%, globalmente), 66% também discordam que os líderes políticos estejam dispostos a conversar com meninas e jovens mulheres (em comparação com 42% globalmente). No entanto, deve-se notar que o viés de deseabilidade social pode ter levado a visões predominantemente positivas sendo observadas.

Imagem 3: Percepções de meninas e jovens mulheres sobre líderes políticos





Com base em 1.000 respostas.

Real Choices Real Lives

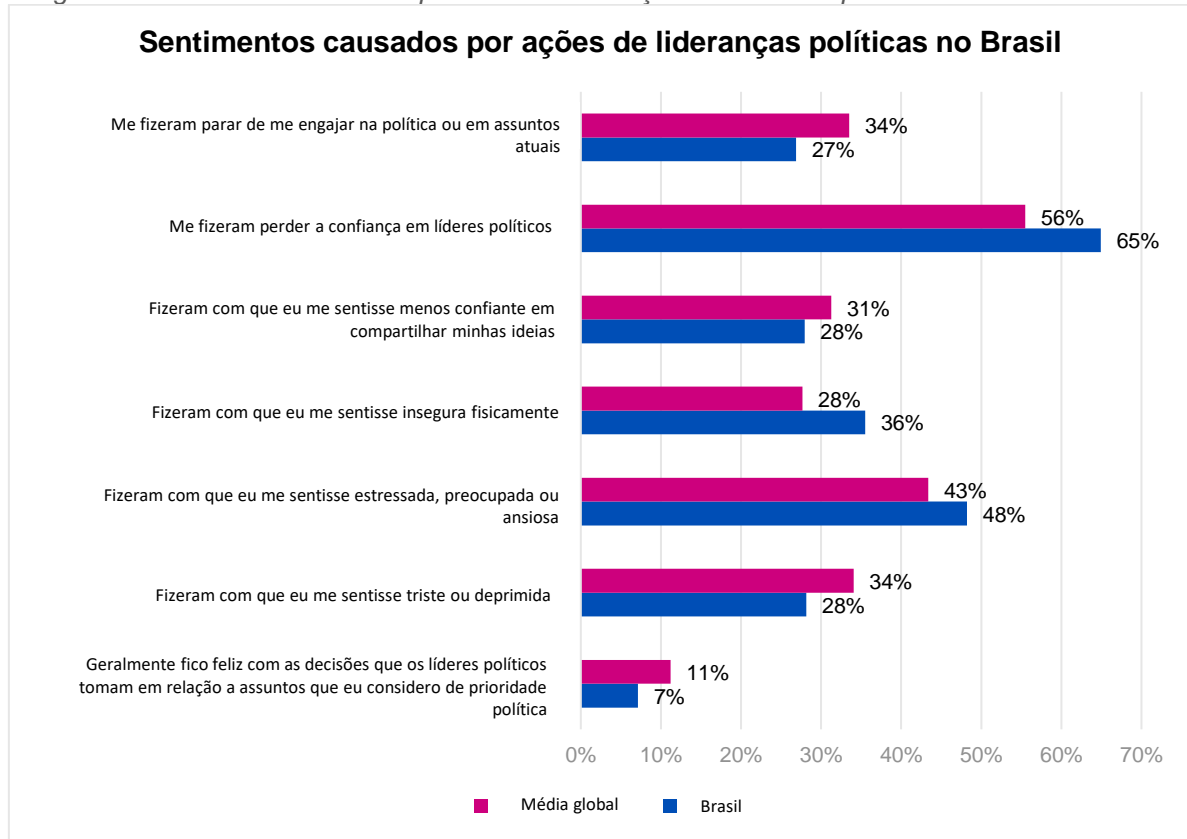
A maioria das meninas da pesquisa no Brasil expressou atitudes negativas em relação a seus líderes políticos e isso estava frequentemente ligado às suas experiências de liderança em nível comunitário. As meninas discutiram a falta de ação tomada pelos líderes para ajudar suas comunidades, inclusive na questão da segurança das meninas. Apenas uma menina da pesquisa no Brasil elogiou os líderes que haviam organizado atividades para a comunidade.

Sentimentos causados por ações de líderes políticos

Na amostra global, apenas 11% das meninas e jovens mulheres disseram estar geralmente satisfeitas com as decisões de seus líderes políticos, enquanto no Brasil esse número foi ainda menor: 7%.

Globalmente, a maioria das respondentes indicou que teve sentimentos negativos como resultado das decisões dos líderes políticos. No Brasil, meninas e jovens mulheres que expressaram suas opiniões compartilharam um nível de sentimento negativo semelhante à média global, com 65% perdendo a confiança em líderes políticos e 48% sentindo-se estressadas, preocupadas ou ansiosas devido à ação e decisões dos líderes políticos.

Imagem 4: Sentimentos causados pelas decisões e ações dos líderes políticos



Com base em 952 respostas.

Perspectivas sobre lideranças políticas femininas

Na amostra global, uma em cada duas entrevistadas da pesquisa acreditava que era aceitável que meninas e jovens em sua comunidade se tornassem líderes políticas em nível local, estadual ou nacional, ou se tornassem lideranças nacionais. As opiniões no Brasil foram inferiores à média global, por exemplo, 39% acreditam que em sua comunidade é aceitável que mulheres se tornem líderes /estaduais ou políticas nacionais em comparação com 53%, globalmente, e 41% acreditam que seria aceitável se tornar uma liderança política local em comparação com 75%, globalmente.

No mundo todo, 40% das respondentes que expressaram sua opinião concordam que as políticas do gênero feminino sofrem abuso e intimidação e 42% concordam que são julgadas pela aparência ou pela forma como se vestem. Estas porcentagens são maiores no Brasil (55% e 48%).

Globalmente, 9% das meninas e jovens mulheres concordaram com a afirmação “Não acho que as mulheres sejam qualificadas para serem lideranças políticas”. Esse percentual é menor no Brasil (2%).

Tabela 2: Percepções gerais sobre as lideranças políticas femininas

Na minha comunidade, é aceitável que meninas e jovens mulheres...*	Brasil		Média global
	n	%	
Tornem-se líderes políticas locais (por exemplo, ingressem no conselho ou na liderança local)	360	41%	57%
Tornem-se líderes políticas estaduais ou nacionais (por exemplo, membros do Legislativo)	342	39%	53%
Tornem-se a líder de nossa nação (primeira-ministra, presidente etc.)	348	40%	49%
Ao tentar participar ou se envolver em política, meninas e jovens podem enfrentar os seguintes desafios:**			
	n	%	
Eu não acho que mulheres sejam qualificadas para serem líderes políticas	23	2%	9%
Mulheres na política sofrem muita intimidação e abuso	533	55%	40%
Mulheres na política são frequentemente julgadas pela aparência ou pela forma como se vestem	468	48%	42%

*Com base em 870 respostas.

**Com base em 966 respostas.

Real Choices Real Lives

A maioria das meninas conseguiu dar exemplos de mulheres em cargos de liderança política, mas muitas vezes notaram que elas eram a exceção em um espaço dominado por homens. Três meninas da pesquisa no Brasil também notaram a falta de representação de mulheres afrodescendentes em cargos de liderança política; explicando que as mulheres que elas viram em cargos de liderança geralmente eram brancas.

“É raro vemos uma mulher negra ocupando uma posição de liderança” (Natalia, 15 anos, Brasil)

Enquanto muitas das meninas da pesquisa relataram que as mulheres líderes eram vistas de forma positiva em suas comunidades, algumas respostas sugeriram que isso pode ser em parte porque é muito raro ver mulheres em posições de liderança. Uma menina explicou que, se sua mãe concorresse a um cargo local, algumas pessoas não iriam gostar, mas que ela provavelmente seria apoiada pela comunidade em geral como a primeira mulher em seu bairro a tentar ocupar esse espaço. Houve também meninas no Brasil que relataram que as mulheres líderes eram vistas de forma negativa em suas comunidades. Estas meninas apontaram o machismo e o domínio de atitudes patriarcais, que esperam que as mulheres permaneçam na esfera doméstica pela falta de lideranças femininas em nível comunitário:

“Porque os homens não permitem e a comunidade não aceita” (Bianca, 16 anos, Brasil)

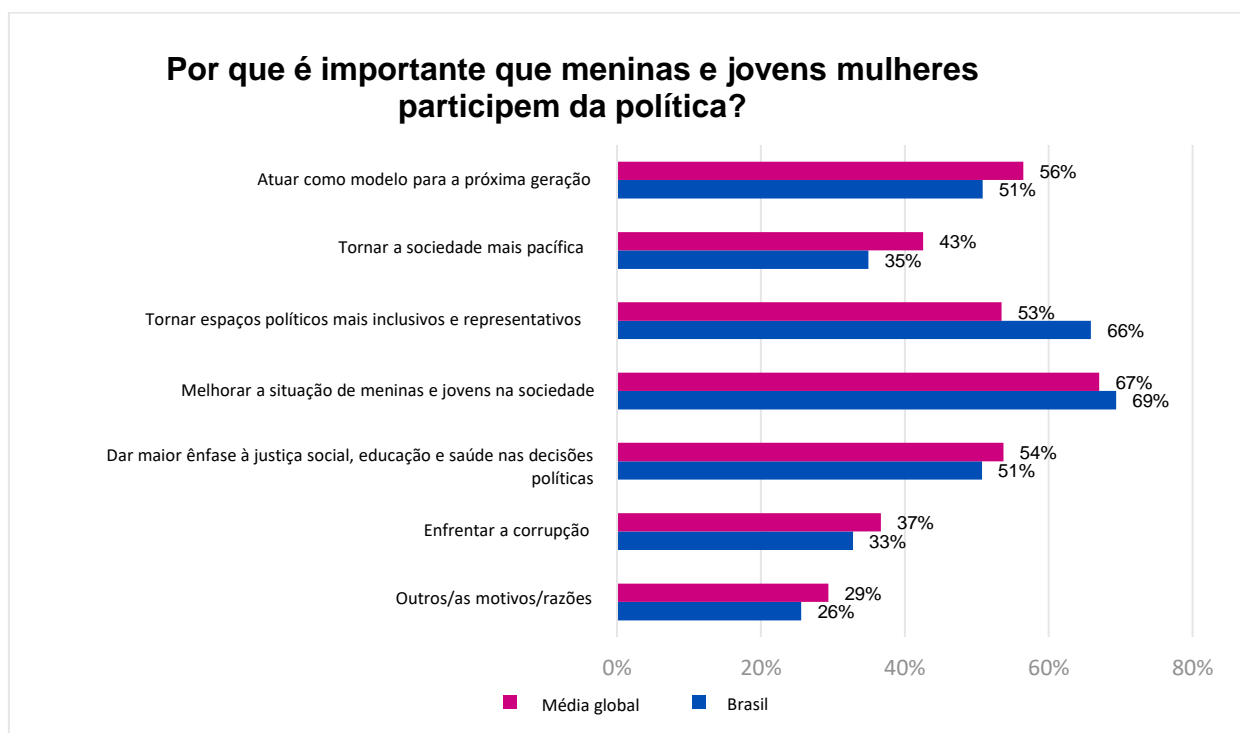
Participação política

Motivos da participação

Na amostra global, apenas 3% das respondentes concordaram com a afirmação ‘Não é importante que meninas e jovens participem da política’, da mesma forma que no Brasil esse número foi de 2%.

No contexto internacional, a razão selecionada com mais frequência para a qual a participação política das meninas e jovens é importante foi "melhorar a situação de meninas e jovens mulheres na sociedade", com quase 70% das respondentes identificando isso como um dos principais motivos para participar da política. Da mesma forma, no Brasil, a principal razão pela qual a participação política de meninas e jovens foi considerada importante foi melhorar a situação de meninas e jovens mulheres na sociedade (69%).

Imagem 5: Razões pelas quais é importante que meninas e jovens participem da política



Com base no total de 976 respostas.

Experiências de participação: de quais atividades meninas e jovens participam

Na amostra global, 83% das meninas e jovens disseram que já participaram ou se envolveram de alguma forma com a política. Entre as que disseram que já participaram, a média foi de 2,7 atividades para cada. No Brasil, o nível geral de participação política foi semelhante à média global: 81% das meninas e jovens disseram que já participaram ou se envolveram de alguma forma com a política. No entanto, as respondentes do Brasil participaram de menos atividades do que a média global (média de 1,2 atividade cada).

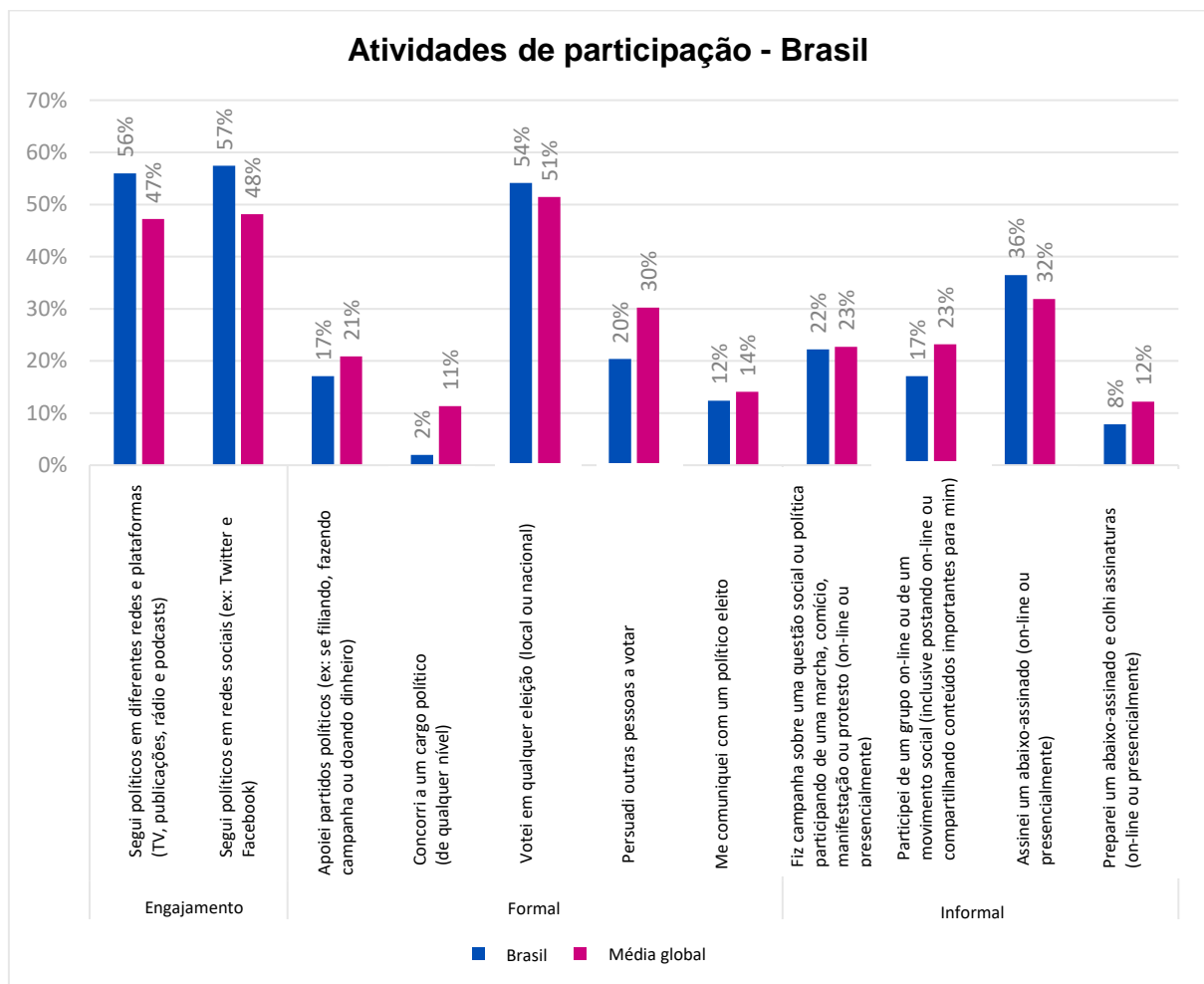
No contexto global, a atividade mais comum foi a votação; 51% das meninas que já participaram de alguma atividade relataram ter votado em uma eleição (local ou nacional). Dasquelelas elegíveis para votar,² 56% disseram que votaram. Da mesma forma, no Brasil, votar em uma eleição foi uma das atividades de participação mais citadas (54%), porém as atividades mais comuns foram acompanhar a política nas redes sociais (57%) e acompanhar a política por meio de diferentes mídias (56%).

² Com base na aplicação da idade mínima de votação para o Brasil. Em alguns países, há diferenças de idades para o voto em diferentes esferas públicas. Nem todas as meninas e jovens que têm o direito de votar terão a oportunidade desde que se envolveram.

Entre as atividades menos frequentes para meninas e jovens estão: concorrer a cargos políticos (11%), organizar um abaixo-assinado (12%) e entrar em contato direto com um representante eleito (14%). Da mesma forma, no Brasil, as atividades menos frequentes são concorrer a cargos políticos (2%), organizar um abaixo-assinado (8%) e entrar em contato com um político eleito (12%).

Sobre a participação formal ou informal na política, 74% das meninas e jovens mulheres que fizeram parte do estudo global relataram a participação por canais formais, como o voto, em comparação com aproximadamente 58% das meninas que relataram participar por meio de canais informais, enquanto. 65% das entrevistadas usaram diferentes canais de mídia. No Brasil, 69% relataram participar de modalidades formais; 55% por meio de canais informais e 71% se envolveram com a política por meio de diferentes canais de mídia.

Imagem 6: Como meninas e jovens participam ou se envolvem com a política: Atividades



Com base no total de 815 respostas.

Real Choices Real Lives

As meninas da pesquisa no Brasil, no geral, não participaram ativamente da política, no entanto, muitas relataram um envolvimento mais passivo por meio da leitura on-line, assistindo às notícias e ouvindo sobre questões de outras pessoas. Uma menina (Juliana, 16 anos) descreveu a participação em ações coletivas em sua escola que levaram a mudanças positivas. Ela, outras

alunas, mães e pais participaram de greves para protestar contra a falta de funcionárias/os e instalações em sua escola, até que a Diretoria da instituição de ensino entrou em ação:

“Então fizemos um protesto e fomos até um de nossos professores, o professor de Ciências, que nos ajudou. E quando o diretor viu, ficou bravo e decidiu fazer algo a respeito. Com o tempo, as coisas melhoraram.” (Juliana, 16 anos, Brasil)

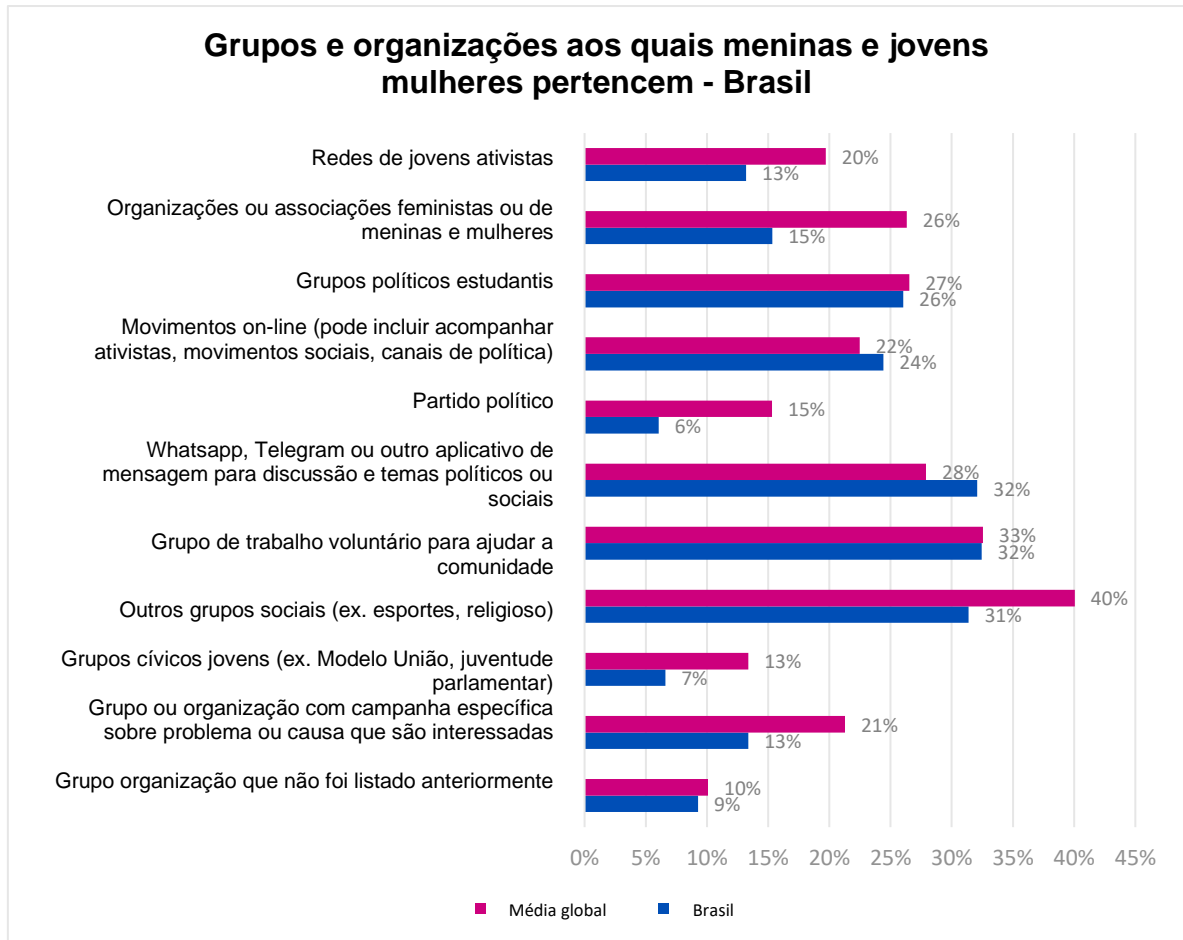
Ao contrário dos outros países da pesquisa, as meninas no Brasil podem votar nas eleições de 2022, pois a idade mínima para o alistamento eleitoral é de 16 anos. Quando questionadas sobre votar, as meninas sabiam que tinham idade suficiente para participar, porém poucas expressaram uma intenção clara de fazê-lo. Duas meninas afirmaram que preferem esperar até que a votação seja obrigatória aos 18 anos e duas explicaram que ainda precisariam emitir o título de eleitor.

Experiências de participação: grupos aos quais meninas e jovens mulheres pertencem

Na amostra global, 63% das meninas e jovens relataram pertencer a algum tipo de grupo ou organização. No Brasil, esse número foi um pouco menor, de 56%.

No contexto global, o tipo mais comum de grupo a que meninas e jovens mulheres relataram pertencer foi um grupo social, como, por exemplo, um grupo esportivo ou religioso (40%); seguido por um grupo voluntário que faz algo para ajudar a comunidade (33%). No Brasil, as respondentes que pertenciam a um grupo citaram com mais frequência o WhatsApp, o Telegram ou outros aplicativos de mensagens onde discutem questões políticas ou sociais (32%) e um grupo voluntário fazendo algo para ajudar a comunidade (32%), seguido por um grupo social, como um grupo esportivo ou religioso (31%).

Imagem 7: Como meninas e jovens mulheres participam ou se envolvem com a política: grupos aos quais pertencem



Com base no total de 561 respostas.

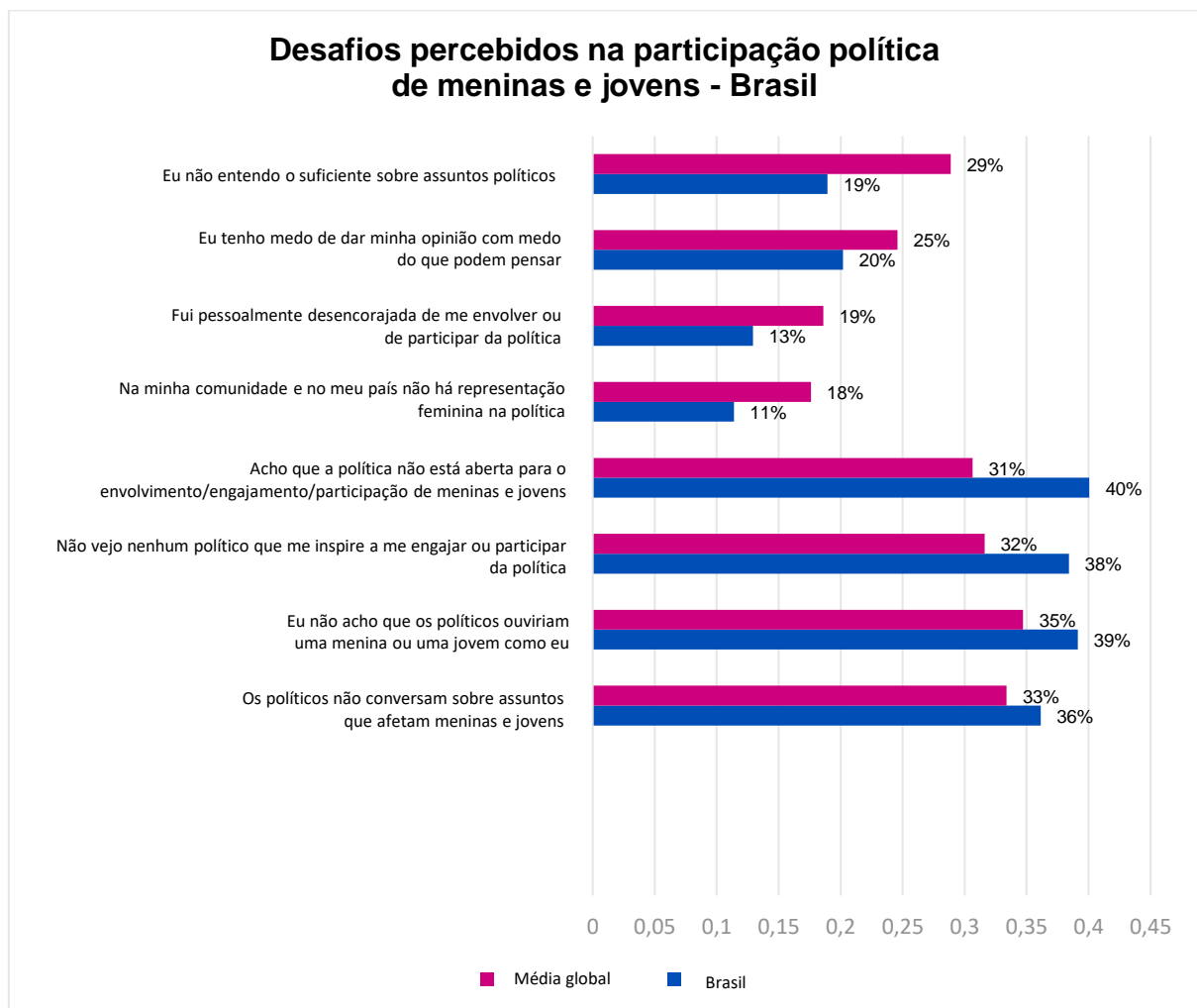
Influências na participação política

Visão dos principais desafios à participação política

Na amostra global, 94% das entrevistadas identificaram que meninas e jovens mulheres podem enfrentar desafios ao tentar participar da política. No Brasil, esse número foi um pouco maior, com 97%.

Entre as opções listadas, os principais desafios escolhidos pelas respondentes em todo o mundo foram: os políticos não ouvirem meninas e jovens mulheres (35%); falta de políticos para inspirar engajamento (32%) e política não aberta à participação de jovens mulheres ou meninas (31%). Da mesma forma, no Brasil os principais desafios foram a política não estar aberta à participação de jovens mulheres ou meninas (40%), políticos não ouvirem meninas e jovens mulheres (39%) e falta de políticos para inspirar engajamento (38%).

Imagem 8: Desafios percebidos na participação política de meninas e jovens



Com base no total de 966 respostas.

Real Choices Real Lives

Na pesquisa do Brasil, as meninas identificaram dois fatores que dificultam a participação das meninas na política em suas comunidades: idade e gênero. As meninas sentiram que não são ouvidas, ou que não seriam ouvidas se falassem, porque suas vozes e opiniões não são **“uma prioridade”** e os tomadores de decisão acreditam que as meninas **“não sabem de nada”**. Uma menina (Juliana, 16 anos) indica que essas atitudes dominantes as impedem de participar:

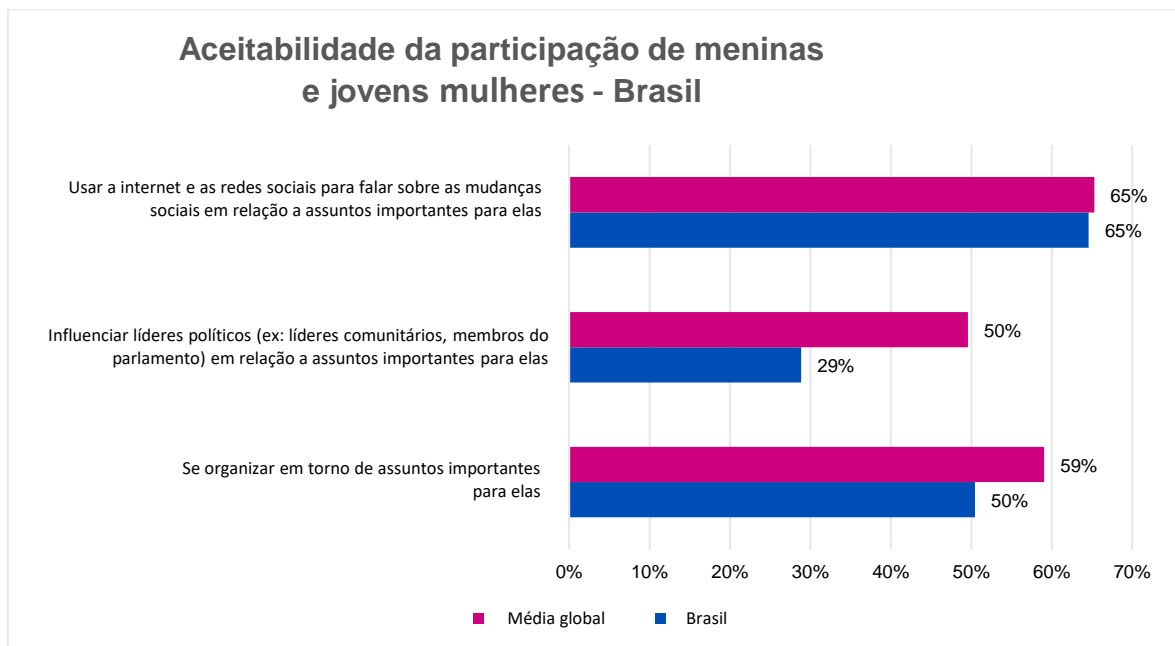
“Eu não acho que eles me ouviriam, porque nossa comunidade é muito machista”
(Juliana, 16 anos, Brasil)

Normas sociais que cercam a participação de meninas e jovens mulheres

Na amostra global, uma em cada duas meninas e jovens mulheres relatou que suas comunidades consideraram aceitável que elas participem e se envolvam na política de diversas maneiras. No geral, no Brasil, a aceitabilidade da participação de meninas e de jovens mulheres foi ligeiramente inferior à média global.

Na pesquisa global, a atividade de participação mais aceita foi relatada como sendo 'usar a internet e as redes sociais para falar sobre uma causa de seu interesse para provocar mudanças sociais', o que 65% das respondentes dizem que seria aceitável, enquanto 59% relataram que seria aceitável que se organizassem em torno de questões com as quais se preocupam. Da mesma forma, no Brasil, a atividade de participação mais aceita para meninas e jovens mulheres foi o uso da Internet e das redes sociais para falar e promover mudanças sociais sobre um assunto de seu interesse (65%), enquanto a atividade de participação menos aceita para meninas e jovens mulheres foi a de influenciar líderes políticos (29%, o que foi significativamente menor do que a média global de 50%).

Imagem 9: Normas sociais que cercam a participação política de meninas e jovens

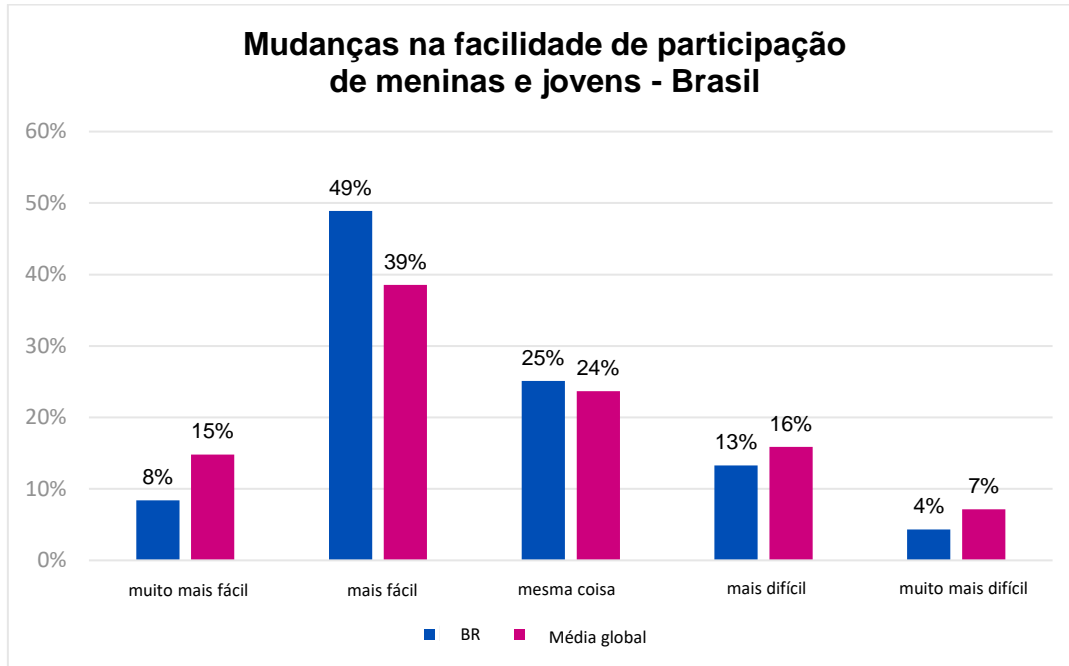


Com base no total de 870 respostas.

Mudanças nas normas e barreiras ao longo do tempo

Na amostra global, a maioria das respondentes acredita que se tornou mais fácil para as meninas participarem da política em comparação com a situação das mulheres mais velhas em suas comunidades. Da mesma forma, no Brasil, a maioria (57%) das respondentes acredita que se tornou “mais fácil” ou “muito mais fácil” para meninas e jovens mulheres participarem da política.

Imagem 10: Mudanças na facilidade de participação de meninas e jovens mulheres



Com base em 1.000 respostas.

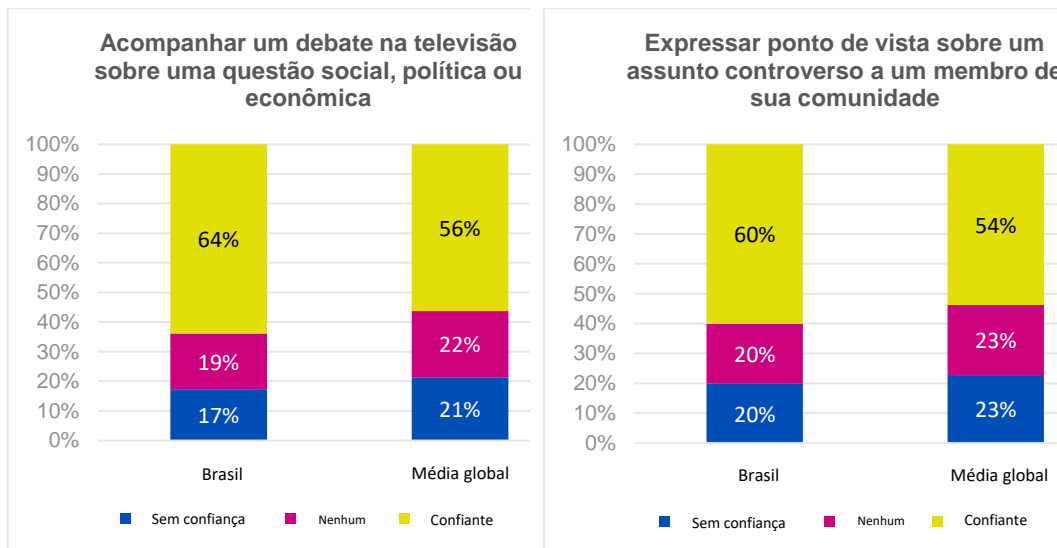
Confiança para participar da política

Na amostra global, pouco menos da metade das respondentes da pesquisa relatou não estar confiante ou insegura sobre sua confiança na realização de diversas atividades de participação ou engajamento político. Meninas e jovens no Brasil foram, em geral, um pouco mais confiantes do que a média global.

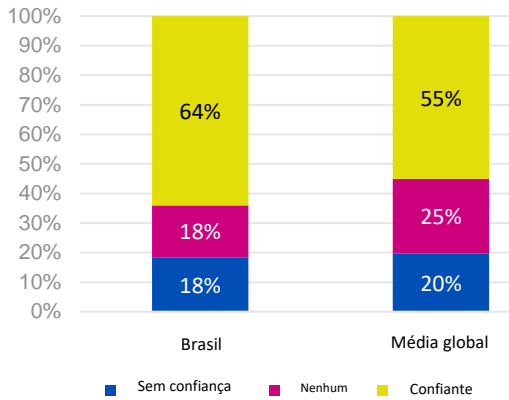
Ainda no contexto global, as respondentes relatam que estão menos confiantes para se candidatarem em uma eleição (50% não confiantes) ou para persuadir representantes de governos ou autoridades nacionais sobre suas próprias opiniões a respeito de um assunto pelo qual têm interesse (34% não confiantes). Da mesma forma, no Brasil, as respondentes estavam menos confiantes em se candidatarem em uma eleição (69% não confiantes) e persuadir representantes de governos nacionais ou autoridades sobre suas próprias opiniões a respeito de um assunto pelo qual são interessadas (39% não confiantes).

Na amostra global, as respondentes estavam mais confiantes em acompanhar um debate na televisão sobre uma questão social, política ou econômica (56% confiantes); discutir um artigo on-line ou de jornal sobre um assunto de seu interesse (55% confiante). Da mesma forma, no Brasil, as respondentes se mostraram mais confiantes em acompanhar um debate na televisão sobre um assunto social, político ou econômico (64% confiantes), discutir um artigo sobre um assunto de seu interesse com um membro de sua comunidade (64% confiantes) e postar on-line ou compartilhar conteúdo para tomar uma posição sobre um assunto pelo qual estão interessadas (64% confiantes).

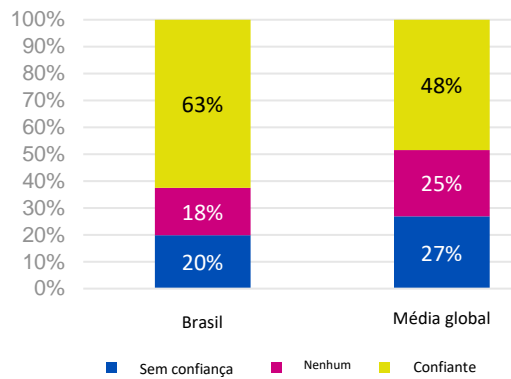
Imagem 11: Confiança para se envolverem em atividades políticas



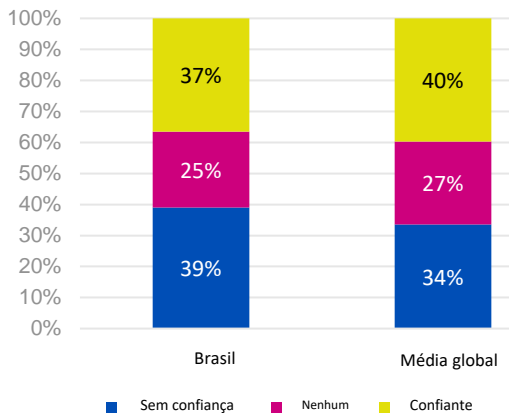
Discutir um artigo sobre um problema ou assunto pelo qual você tem interesse com um membro de sua comunidade



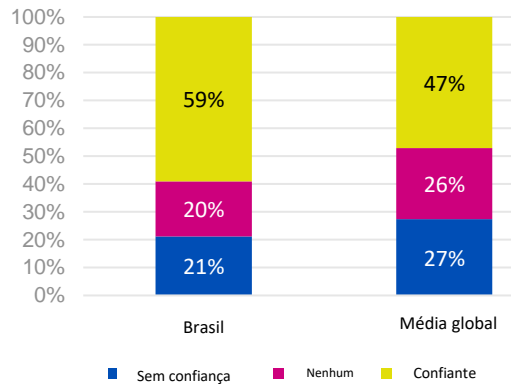
Organizar um grupo de colegas pessoalmente para conseguir mudanças em um assunto pelo qual você tem interesse



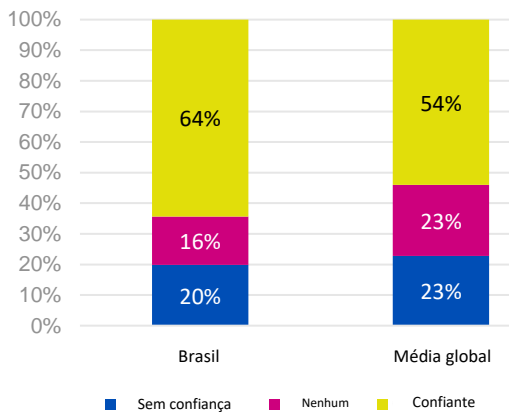
Persuadir os representantes do governo nacional sobre um assunto pelo qual você tem interesse



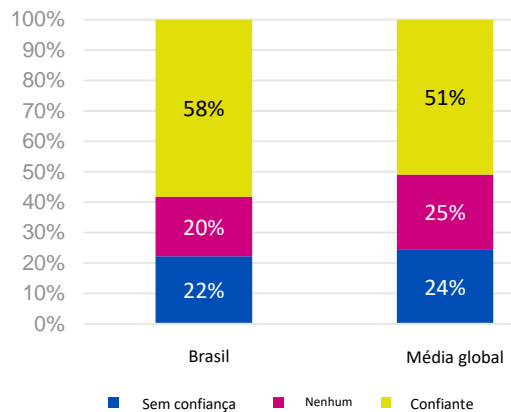
Organizar um grupo de colegas em canais on-line para conseguir mudança a respeito de um problema pelo qual você tem interesse

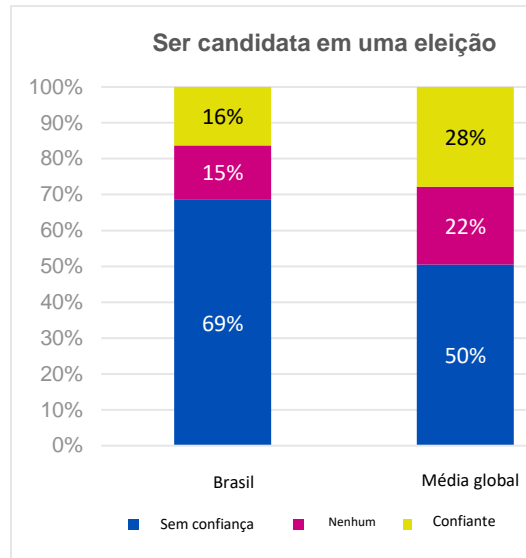
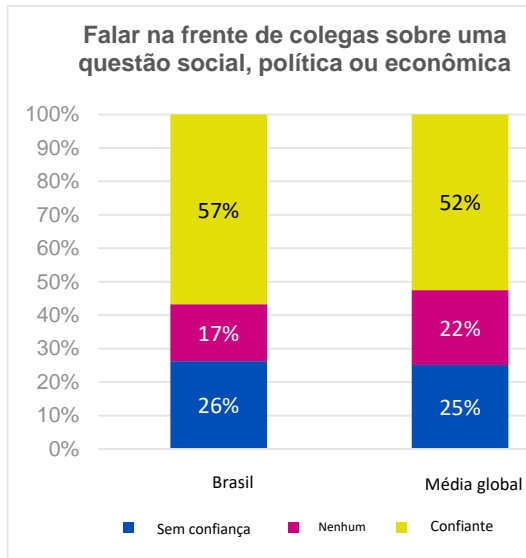


Postar ou compartilhar conteúdo on-line para tomar uma posição sobre um problema pelo qual você tem interesse



Promover campanhas sobre um problema ou tópico pelo qual você tem interesse





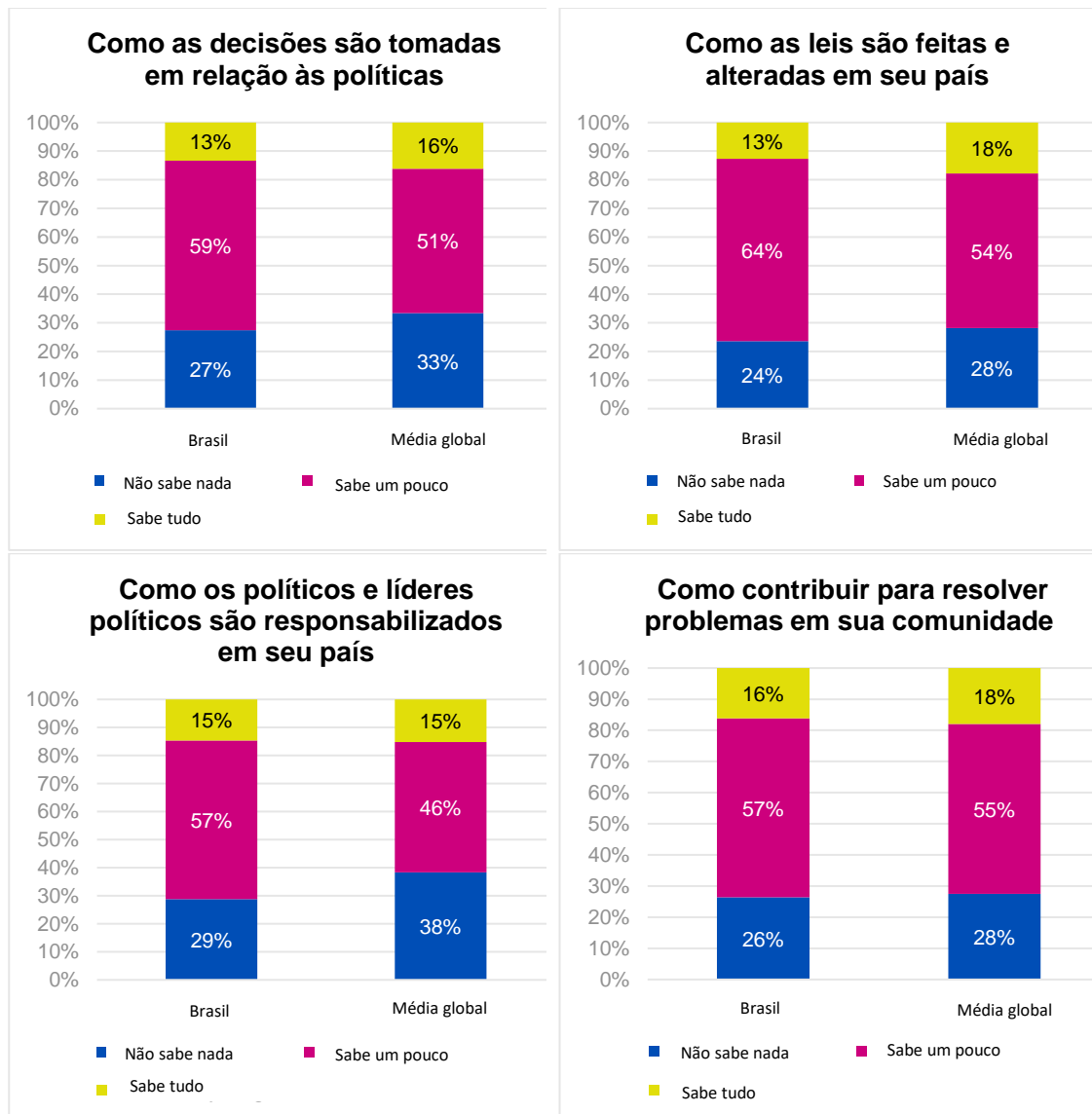
Com base em 1.000 respostas.

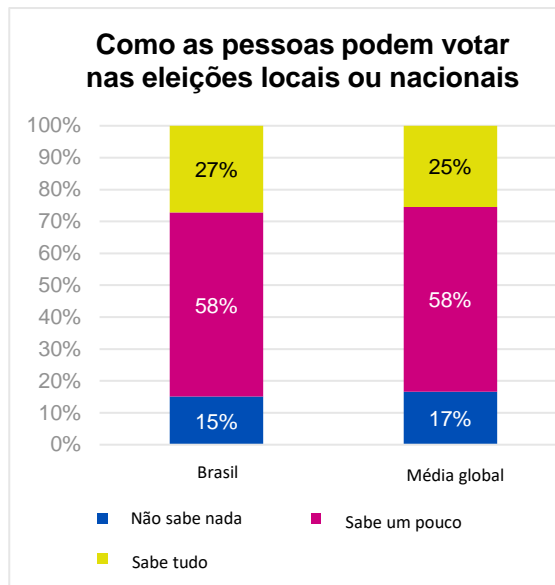
Conhecimento sobre assuntos políticos e origem do conhecimento

Na amostra global, a maioria das respondentes da pesquisa relata saber pelo menos alguma coisa sobre diversos tópicos associados à participação política. O conhecimento de como as pessoas podem votar nas eleições locais ou nacionais foi o mais alto no geral, com 83% das respondentes relatando saber tudo ou algo sobre isso. De modo geral, no Brasil, os níveis de conhecimento sobre temas políticos ficaram alinhados com a média global. Da mesma forma, o conhecimento sobre o voto em uma eleição foi maior entre meninas e jovens no Brasil, com 85% das respondentes relatando saber tudo ou algo sobre isso.

Na pesquisa global, as respondentes relataram saber menos sobre como políticos e líderes políticos em seu país podem ser responsabilizados (38% não sabiam nada sobre isso). Da mesma forma, o conhecimento sobre como políticos e líderes políticos são responsabilizados em seu país foi mais baixo entre meninas e jovens no Brasil, com 29% das respondentes relatando nada sobre isso.

Imagem 12: Nível de conhecimento sobre temas políticos

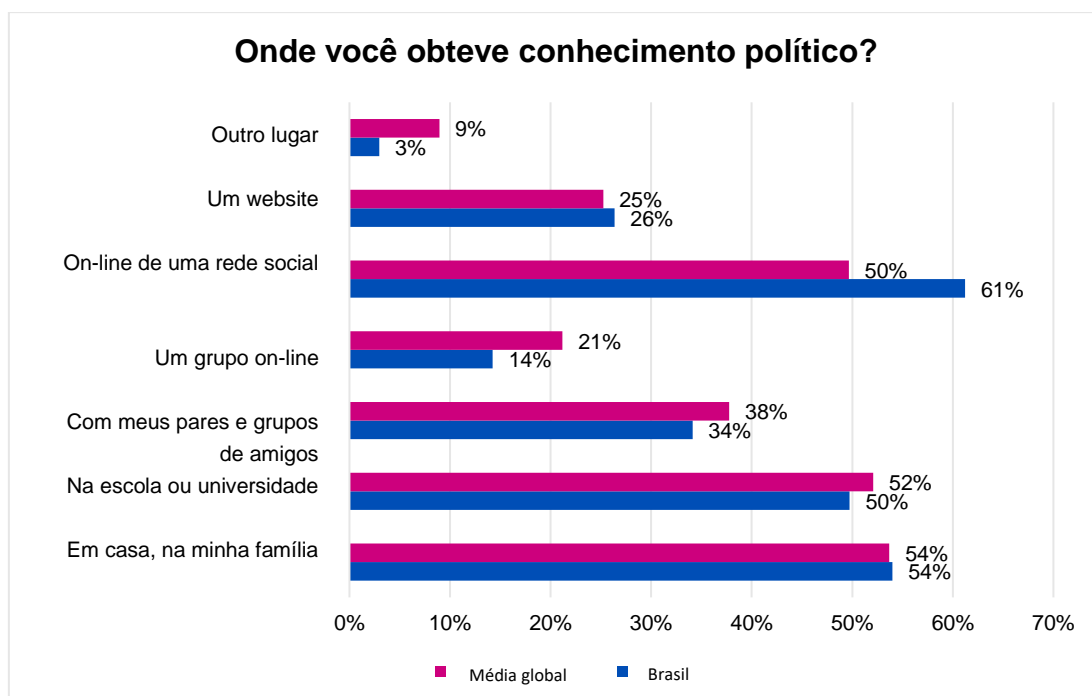




Com base em 1.000 respostas.

Na amostra global, o conhecimento sobre temas políticos foi obtido principalmente em casa ou na família (54%), na escola ou universidade (52%) ou nas redes sociais (50%). As principais fontes de conhecimento para as meninas no Brasil, que relataram saber algo sobre pelo menos um tema político, foram semelhantes à média global com 61% adquirindo conhecimento on-line a partir de redes sociais, 54% em casa ou da família e 50% da escola ou universidade.

Imagem 13: Onde o conhecimento político foi obtido



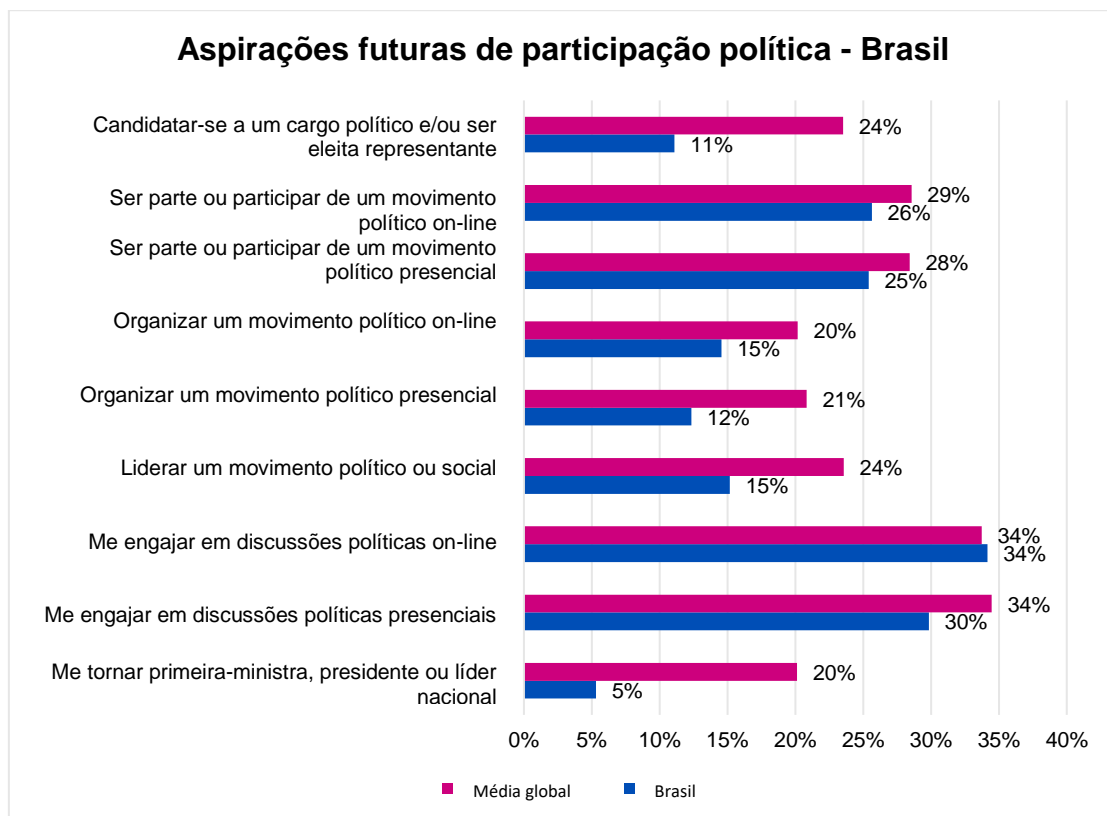
Com base em 941 respostas.

Aspirações para participação futura

Na pesquisa global, 21% das respondentes relataram não estar interessadas em se envolver ou participar da política no futuro. No Brasil, esse número foi um pouco maior, 26%.

No contexto global, as opções mais populares para participação futura foram fazer parte de discussões on-line (34%) ou pessoalmente (34%); fazer parte ou aderir a um movimento político on-line (29%) ou pessoalmente (28%). No Brasil, das meninas e jovens que poderiam se ver participando no futuro, as atividades mais populares incluíam fazer parte de discussões políticas on-line (34%), pessoalmente (30%) e aderir a um movimento on-line (26%).

Imagem 14: Aspirações futuras para a participação política



Com base em 811 respostas.